



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

KYARA FREITAS RODRIGUES DA SILVA

**COSMOVISÃO DE AILTON KRENAK E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A TERAPIA
OCUPACIONAL SOCIAL**

Brasília - DF

2023

KYARA FREITAS RODRIGUES DA SILVA

**COSMOVISÃO DE AILTON KRENAK E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A TERAPIA
OCUPACIONAL SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Professor Orientador: Dr. Magno Nunes Farias.

Brasília – DF

2023

KYARA FREITAS RODRIGUES DA SILVA

**COSMOVISÃO DE AILTON KRENAK E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A TERAPIA
OCUPACIONAL SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia como requisito para obtenção do título
de Bacharel em Terapia Ocupacional.

Data da aprovação: 13/02/2023

Dr. Magno Nunes Farias - Orientador

Professor da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

Dr. Rafael Garcia Barreiro - Banca Examinadora

Professor da Faculdade de Ceilândia (FCE/UnB)

RESUMO

A terapia ocupacional social historicamente buscou conhecimentos diversos para ampliar os referenciais teórico-metodológicos para a práxis da terapia ocupacional. Com a finalidade de contribuir para esse debate se faz necessário a busca por saberes outros, como o do pensador contemporâneo indígena Ailton Krenak, com o propósito fortalecer as discussões acerca de uma terapia ocupacional contra hegemônica e decolonial. Assim, o objetivo deste ensaio é realizar um estudo teórico sobre as possíveis contribuições de Ailton Krenak para o campo da terapia ocupacional social, pela premissa de entender o macrossocial para se chegar ao microssocial. Trata-se de um exercício teórico-crítico-reflexivo para elaborar propostas, semear reflexões e ampliar o debate a partir da perspectiva de Ailton Krenak. Por fim, buscou-se aqui o resgate de saberes outros, numa perspectiva de adiar o fim do mundo frente às problemáticas contemporâneas, como Krenak defende.

Palavras-chaves: Ailton Krenak; Terapia Ocupacional Social; Giro Decolonial; Saberes Plurais; Decolonialidade.

ABSTRACT

Social occupational therapy has historically sought different types of knowledge to expand the theoretical-methodological references for the practice of occupational therapy. In order to contribute to this debate, it is necessary to search for other knowledge, such as that of the contemporary indigenous thinker Ailton Krenak, with the purpose of strengthening discussions about occupational therapy against hegemonic and decolonial. Therefore, the objective of this essay is to carry out a theoretical study on the possible contributions of Ailton Krenak to the sphere of social occupational therapy, based on the premise of understanding the macrosocial to reach the microsocial. It is a theoretical-critical-reflective exercise to elaborate proposals, sow reflections and broaden the debate from the perspective of Ailton Krenak. Finally, we sought here to rescue other knowledge, with a view to postponing the end of the world in the face of contemporary problems, as Krenak defends.

Keywords: Ailton Krenak; Occupational Social Therapy; Decolonial Turn; Plural Knowledge; Decoloniality.

1 INTRODUÇÃO

A terapia ocupacional no campo social foca o olhar nos diversos modos de vida, em que a vida cotidiana é incorporada, com a proposta de encontrar respostas aos desafios sociais, econômicos, políticos e culturais encontrados por populações em vulnerabilidade social, através do desenvolvimento da consciência crítica e da emancipação social. Esse contexto é entendido como macrossocial para assim chegar ao microssocial (LOPES, MALFITANO, 2016).

O objetivo deste ensaio é discorrer sobre como os apontamentos de Ailton Krenak podem contribuir para a terapia ocupacional social, frente às problemáticas contemporâneas. Neste percurso, será realizada uma breve biografia do indígena Ailton Krenak e em seguida apresentada parte da trajetória da terapia ocupacional social e seus pressupostos teóricos.

Espera-se elaborar propostas e semear reflexões a partir de conceitos e discussões dos livros de Krenak "Ideais para adiar o fim do mundo", "A vida não é útil" e "Futuro ancestral", tecidos e pensados para a práxis da terapia ocupacional social e a sua produção acadêmica contra hegemônica e decolonial.

Sendo assim, justifica-se a necessidade deste ensaio partindo pelo pressuposto que orienta o campo social da terapia ocupacional, segundo Barros et al., (2002, p.100) "o descentramento do saber técnico para a ideia de saberes plurais diante de problemas e de questões sociais", além da luta contra hegemônica que possibilita a ampliação do saber com base no compromisso técnico e ético-político, indissociáveis na ação do terapeuta ocupacional social.

1.1 Quem é Ailton Krenak?

Ailton Krenak é um líder indígena, ativista, ambientalista e pensador contemporâneo. Nascido em 1953 na região do vale do Médio Rio Doce em Minas Gerais, território do povo Krenak. Na adolescência mudou-se para o Paraná com a família, foi alfabetizado e tornou-se produtor gráfico e jornalista (KRENAK, 2019; KRENAK, 2020a).

A partir da década de 1970, junto a outros destacados líderes originários, atuou no grande despertar do movimento indígena que lutava em busca de seus direitos, impulsionados pela ascensão dos movimentos sociais no período da ditadura militar. Na vida adulta,

dedicou-se exclusivamente ao movimento, articulando ações e organizações. Em 1985, fundou o Núcleo de Cultura Indígena, uma organização não governamental localizada na Serra do Cipó, em Minas Gerais, com o intuito de promover a cultura indígena (Cartas Indígenas ao Brasil, s/a; KRENAK, 2019; KRENAK, 2020a).

No ano de 1986, Ailton Krenak teve a participação garantida na Assembleia Nacional Constituinte para a formulação da Constituição Brasileira de 1988, que ocorreu em setembro de 1987 e protagonizou uma das cenas mais marcantes de sua história (**figura 1**). Em discurso na tribuna, Krenak pintou o rosto com tinta de jenipapo - gesto simbólico e expressivo da cultura indígena - em protesto contra o retrocesso na luta pelos direitos indígenas em prol do poder econômico e de todo o processo de violência em que os povos originários sofreram ao longo da história. Devido ao trabalho de Ailton e ativistas indígenas frente ao movimento iniciado na década de 1970, foi incluído na constituição de 1988, o capítulo sobre os direitos indígenas que condenam, pelo menos no papel, qualquer ação que fere estes direitos, sendo assim, um marco histórico e uma grande conquista (Cartas Indígenas ao Brasil, s/a; KRENAK, 2019; KRENAK, 2020a).



Figura 1: Ailton Krenak em seu discurso na Assembléia Nacional Constituinte em 1987, pinta o rosto com jenipapo. Autoria desconhecida. Fonte: Cadernos Selvagem (2021).

Em 1988, Ailton contribuiu para a criação da União das Nações Indígenas (UNI), uma organização que busca unificar e reivindicar os interesses indígenas no cenário nacional. Ainda em 1989, ele organizou a Aliança dos Povos da Floresta que reúne indígenas e ribeirinhos da Amazônia, com o propósito de estabelecer as reservas naturais para que fosse possível a subsistência econômica por meio da extração do látex da seringueira e da coleta de outros produtos da floresta (Cartas Indígenas ao Brasil, s/a; KRENAK, 2019).

No documentário “Ailton Krenak e o sonho da pedra” (2017) é mostrado partes de sua trajetória e após dedicar duas décadas exclusivamente ao movimento indígena e a política, ele

retornou para a Serra do Cipó, em Minas Gerais, para se sentir mais próximo de seus ancestrais e integrar-se à cultura do seu povo, retornando para sua essência e ancestralidade no âmbito territorial e existencial. No dia 5 de novembro de 2015, uma barragem da mineradora Samarco, em Mariana - MG, rompeu e uma lama de rejeitos de minério foi liberada, causando a devastação de vilas, diversas mortes e a contaminação do Rio Doce por toxinas, o que ocasionou na separação da aldeia e do rio através de uma cerca. Diante disso, o povo Krenak se sentiu drasticamente afetado ao ver “*Watu*”, o rio considerado sagrado e parte da família, se tornar uma lama tóxica.

Ailton Krenak, no documentário (KRENAK, 2017), quando recebe o título de Professor “*Honoris Causa*” pela Universidade de Juiz de Fora no ano de 2016, se declara sujeito coletivo, já que desde muito cedo desenvolveu a consciência crítica em torno do que o circundava para pensar no que pode ser transformado. Com isso, buscou o conhecimento e a experiência na troca interpessoal e com outros seres, sempre com o espírito de solidariedade e empatia, resultando na sua trajetória e na importância dele no movimento indígena, devido ao comprometimento com a luta em prol de mudar a realidade dos povos originários, e, portanto, serve de inspiração de geração em geração.

Em 2019 teve o livro “Ideias para adiar o fim do mundo” publicado, e em 2020 o livro “A vida não é útil” e o e-book “O amanhã não está a venda”, todos eles baseados por meio de transcrições de palestras e entrevistas. No mesmo ano recebeu o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, oferecido pela União Brasileira de Escritores (Cartas Indígenas ao Brasil, s/a).

Atualmente, em 2022, lhe foi atribuído o título de Doutor “*Honoris Causa*” pela Universidade de Brasília, no qual demonstra a influência que Ailton Krenak tem pela sua história de vida e de seus saberes, por meio de ideias e discussões promulgadas pela a fala, forma de expressão preferida por ele, que o consagra como pensador contemporâneo. Por fim, no mesmo ano, em dezembro, foi lançado o livro “Futuro ancestral” pela editora Companhia das Letras, que aprofunda e complementa as discussões dos livros anteriores.

Assim, é essencial considerar e discutir como as reflexões suscitadas por Krenak, a partir das problemáticas contemporâneas, podem contribuir para a terapia ocupacional social.

1.2 Terapia Ocupacional Social

A formação de terapeutas ocupacionais no Brasil iniciou-se por volta da década de 1950, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Os cursos eram voltados para a reabilitação em saúde, com base na disfunção, deficiência física e reabilitação para acidentados no trabalho. Outra perspectiva abordada foi no campo da psiquiatria, influenciado pela profissão nos países do norte, com o objetivo da reabilitação para a “ocupação” (LOPES, BARROS, MALFITANO, no prelo).

A discussão do campo social na terapia ocupacional se deu a partir de 1970, impulsionado pelas reivindicações dos movimentos sociais emergentes de um cenário brasileiro em processo de redemocratização, após um período obscuro de regime militar, sendo o elemento central da pauta social a dimensão da cidadania. O debate político-social repercutiu na prática da profissão que motivou a inserção dos terapeutas ocupacionais em projetos de ações sociais e instituições assistenciais (BARROS, GHIRARDI, LOPES, 2002).

Compreende-se como campo social o contexto concreto da operacionalização da vida, lugar este de força ativa da vida cotidiana e das atividades humanas, marcado pelas possibilidades e limites definidos por fatores socioeconômicos e traçado por inter-relações. Além do entendimento de que o indivíduo é um ser social inserido num ambiente atravessado por processos culturais e pelo percurso histórico (BARROS, GHIRARDI, LOPES, 2002; LOPES, MALFITANO, 2016).

Então, duas perspectivas teóricas complementares sustentam a terapia ocupacional social no Brasil. A primeira caracterizado pela análise dos processos sociais do final da década de 1970 até meados de 1980, a partir das demandas dos movimentos sociais, que perpetuou e ampliou o debate do papel de diversas profissões em respeito a responsabilidade na formação de valores, no exercício político da prática de forma consciente e pela luta contra a hegemonia. Portanto, a revisão da ação profissional suscitada pelos questionamentos e proposições, fundamentou a perspectiva teórica da terapia ocupacional social (LOPES, BARROS, MALFITANO, no prelo).

A segunda perspectiva surge do questionamento do saber médico-psicológico, sendo este reducionista na forma de compreender e enfrentar as demandas encontradas, muitas vezes resumida no dualismo saúde-doença, caracterizado pela disciplinarização e institucionalização dos problemas sociais, sob o viés de valores dominantes em prol do

controle e supressão da liberdade individual e coletiva. Sendo assim, a práxis da terapia ocupacional social se vê além da técnica, leva em consideração a dimensão política, ética e cultural, desenvolvendo um olhar crítico à medicalização das questões sociais que levam ao processo de exclusão e reforçam a desigualdade (BARROS, GHIRARDI, LOPES, 2002; LOPES, BARROS, MALFITANO, no prelo).

A partir do ano de 1980, buscou-se aporte para a fundamentação da área em outros campos de saberes, como da história, antropologia e sociologia, além dos saberes que envolviam a luta antimanicomial, a reforma sanitária e discussões acerca da assistência e seguridade social e a educação. É um período de fortes investimentos em conhecimentos específicos de caráter individual e coletivo, intervenções transdisciplinares, interprofissionais e intersetoriais para ação no campo social. Ações estas sustentadas pelo compromisso ético-político, através de uma escuta sensível dos sujeitos e coletivos e, o olhar crítico frente às problemáticas sociais (LOPES, BARROS, MALFITANO, no prelo; LOPES, MALFITANO, 2016).

Tendo em vista que a terapia ocupacional social bebe de outros conhecimentos e saberes, e que atualmente vem se ampliando cada vez mais seu diálogo com diversas formulações, conceitos e perspectivas teórico-metodológicas, se vê necessário fortalecer o escopo ao integrar os saberes ancestrais, como do pensador contemporâneo Ailton Krenak, para abarcar as problemáticas atuais, e, conseqüentemente, extrapolar a lógica de produção acadêmica hegemônica, numa perspectiva decolonial dentro da terapia ocupacional. Assim, busca-se aqui o resgate de saberes outros, com o propósito de adiar o fim do mundo, como Krenak defende.

2. METODOLOGIA

O intuito deste ensaio é realizar uma reflexão crítica, compreendendo que através da crítica é possível "instalar-se a discussão aberta como caminho básico do crescimento científico" (DEMO, 1985, p.24). Com o propósito de suscitar reflexões de acordo com as problemáticas atuais e relacionar a terapia ocupacional social, tendo como base os livros "Ideias para adiar o fim do mundo", "A vida não é útil" e "Futuro ancestral" de Ailton Krenak.

O tipo de pesquisa teórica, de acordo com Baffi (2002, p. 1), "é orientada no sentido de re-construir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes".

3. COSMOVISÃO KRENAK: VISÃO DE MUNDO NUMA PERSPECTIVA INDÍGENA

A cosmovisão de Krenak é centrada na crítica à colonização e ao capitalismo, pautada pela perspectiva indígena e discutida de maneira assídua nos livros "Ideias para adiar o fim do mundo", "A vida não é útil" e "Futuro ancestral", partindo pelo pressuposto de como estes dois processos produziram e (re) produzem impactos na constituição da sociedade e dos sujeitos, na relação com o mundo e com os outros seres.

Em "Ideias para adiar o fim do mundo", o pensamento de Ailton Krenak é introduzido com o questionamento de "como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade?" (KRENAK, 2020a, p.10). Desse modo, inicia-se uma discussão reflexiva de que a humanidade foi construída com base no processo da colonização pelos marcos da violência e opressão.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muito das escolhas feitas em diferentes períodos da história (KRENAK, 2020a, p.11).

Krenak denomina a construção da humanidade homogênea (hegemônica) como um processo de "abstração civilizatória", para tornar-se "civil" e pertencer à sociedade, mas na verdade os povos foram retirados violentamente de seus territórios e coletivos, desvinculados de suas ancestralidades e das referências que davam sustentação a existência e as subjetividades (KRENAK, 2020a).

Diante disso, com o avanço da história, o processo de modernização traçado pela visão eurocêntrica e inerente à consolidação do capitalismo, subjugou os povos do campo e das florestas para as margens da sociedade, em periferias e favelas, com o intuito de serem utilizados como mão de obra nos centros urbanos. Ailton Krenak se refere aos grupos marginalizados como "sub-humanidade", todos aqueles que são considerados uma camada inferior e devem estar sob domínio da "civilização moderna", alienados ao mínimo exercício de ser (ARRAES, 2021; FARIAS, 2022; KRENAK, 2020a).

Outro mecanismo do capitalismo, de acordo com a visão de Krenak, é a dissociação humanidade e natureza, que nos afasta do organismo vivo Terra e nos reduz a meros consumidores. A cidadania troca de lugar para o poder de consumo e a natureza vira recurso para exploração das corporações, o termo recurso com caráter predatório e fundamentada pela lógica do capital.

Então para que ser cidadão? Para que ter cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões (KRENAK, 2020a, p.25).

Portanto, aqueles que resistiram e resistem aos mecanismos impostos pelo capitalismo, traçado por uma visão colonial e colocados à margem - a “borda da terra”, são os considerados sub-humanidade que se agarram à natureza numa organicidade coletiva e não individualista (ARRAES, 2021).

É citado no livro “Ideias para adiar o fim do mundo” a relação que os povos indígenas e africanos têm com a natureza no sentido de identificação e respeito com os outros seres, dessa forma, perpetua no entendimento de que somos pessoas-coletivas compartilhando experiências no organismo vivo que é a Terra em harmonia e pertencimento. Sendo assim, a dissociação humanidade e natureza entrelaçada com a abstração civilizatória, “suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência, de hábitos” e reforça a monocultura (KRENAK, 2020a).

A monocultura produz a ausência de pertencimento ao coletivo, a perda de sentido da própria existência e da circulação pelo mundo, devido a influência do capitalismo com a evolução das cidades e das tecnologias. Krenak ressalta que as cosmovisões de outras culturas tradicionais não ocidentais proporcionam a consciência sobre o mundo e as relações humanas, a fim de “suspender o céu” para ampliar as perspectivas e “adiar o fim do mundo”, com a intenção de criar sentido para própria existência e enriquecer as referências para as subjetividades (KRENAK, 2020a).

É mais fácil imaginar o fim do mundo do que construir outras formas de relação com a vida, do que aprender com as formas de vida que continuam existindo e resistindo a milhares de anos, mesmo às custas do desenvolvimento, da ordem e do progresso capitalista (CARDINALLI et al., 2021, p. 7).

Em “A vida não é útil”, o segundo livro aprofunda o pensamento de Krenak, mostra de maneira mais enfática a discussão acerca da sociedade capitalista em contraste com a perspectiva indígena. O livro, que foi lançado no contexto da pandemia de COVID-19, reflete sobre o modo de produção desenfreada do sistema capitalista e entra em diálogo com debates recentes sobre o “Antropoceno” - “a era dos humanos” - que remete ao impacto das atividades humanas, motivado pela dissociação humanidade e natureza, ser tão significativo ao ponto de criar incertezas ambientais e colocar em risco a continuidade da vida humana no planeta, na qual já é possível visualizar as consequências com as mudanças climáticas e o aquecimento global. Krenak estabelece a relação de que consumir a natureza gera a ânsia de consumir subjetividades, o macro reflete no micro (ARRAES, 2021; KRENAK, 2020a; KRENAK, 2020b).

Na pandemia, o discurso político neoliberal criou a polarização entre a economia e a saúde, sendo sempre priorizado a produção e o mercado numa lógica autodestrutiva, já que a situação colocou em confronto as fragilidades humanas e em como os modos de produção são insustentáveis, pois coloca em iminência a vida e a terra não suporta as demandas do sistema capitalista pela ânsia de consumir. Os conceitos de necrocapitalismo e necropolítica são abordados por Krenak, ele afirma que “somos governados pelas grandes corporações”, “a máquina de fazer dinheiro” que escolhe quem vive e quem morre por meio dos mecanismos impostos de alienação (ARRAES, 2021; CARDINALLI, 2021; KRENAK, 2020B).

A naturalização da desigualdade é uma das facetas do capitalismo ao dissociar o sentido da existência e conseqüentemente, limitar a compreensão sobre o impacto da globalização na vida cotidiana, na cultura, na organização do trabalho e na ideia de riqueza e pobreza. Krenak cita Michel Foucault na qual afirma que a sociedade de mercado considera o ser humano útil quando está produzindo e ao parar de produzir, torna-se despesa, então a pessoa se vê na posição de criar condições para manter-se vivo, uma questão de sobrevivência, perde-se a consciência de estar vivo, sendo substituída por uma existência automática (KRENAK, 2020b).

Ailton Krenak, ao questionar se somos mesmo uma humanidade, tem como proposta refletir sobre a real configuração social, trazendo a necessidade de buscar uma experiência anti-sistêmica de quebra da visão mercadológica, afirmando a necessidade de evocar-integrar a ecologia de saberes, para compartilhar a mensagem de outro mundo possível, visto que precisamos refletir sobre a forma que habitamos a Terra, e como nos relacionamos com a

natureza e com a vida – é preciso habitar o corpo e não projetar ao material. O autor alerta que é urgente lembrar que somos sujeitos coletivos e que andamos em constelações (ARRAES, 2021; KRENAK, 2020b).

Em “Futuro Ancestral”, publicado em 2022, Krenak nos mostra de forma poética e nos confronta ao criticar o modelo ocidental da cidade que perpetua um só pensamento de mundo. Como já discutido nos livros anteriores, traz o debate sobre o impacto do colonialismo e da monocultura ao querer ditar que somos todos iguais, e, em contrapartida, o autor nos incita a pensar em um mundo plural, a partir da perspectiva indígena que resiste à tomada de seus territórios pelas narrativas plurais que dão sentido para experimentação da vida (KRENAK, 2022).

A vontade do capital é o de empobrecer a existência, então o resgate para valorização da vida como um dom, um lugar poético de viver uma experiência de afetação da vida, a despeito de outras narrativas de mundo, é defendido por Krenak para não sucumbir às narrativas de fim de mundo pautada pela centralidade do humano. “O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos, nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (KRENAK, 2020, p.32).

Sendo assim, evocar o mundo das cartografias por meio das alianças afetivas entre mundos não iguais, com o intuito de reconhecer a alteridade intrínseca em cada pessoa, produz afetos e sentidos para reflorestar o imaginário, afinal a vida é selvagem e eclode na cidade, mesmo com a modernidade que reforça o pensamento de que a civilização é urbana e o que está fora é primitivo. Nossa sociabilidade deve ser repensada para além dos seres humanos e ser transformada para a consciência da constelação de seres humanos e não humanos, pois o contato com a natureza enriquece a existência e nos conecta com a experiência de sujeito coletivo, roubado pela dissociação imposta pelo capitalismo (KRENAK, 2022).

A constituição de mentalidades sensíveis possibilita a resiliência para criar um mundo menos suscetível ao terrorismo psicológico, que atinge a vida contemporânea sustentada pelas violências, opressões e desigualdades imposta pelo sistema capitalista, com base no colonialismo. A construção de um Estado plurinacional é defendida por Krenak para ampliar a matriz cultural em busca da diversidade, ao invés de uma humanidade homogênea, e que proporciona o reconhecimento da pluralidade de formas de vida. Krenak afirma que a “base

da educação é a fricção com o cotidiano” e a fricção com a vida enriquece a subjetividade (KRENAK, 2022).

4. TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL: GIRO DECOLONIAL E UM NOVO PENSAR-FAZER TERAPIA OCUPACIONAL

A colonização das Américas foi um processo que disseminou a visão eurocêntrica e a dominação hegemônica frente à política, cultura e economia, posteriormente, reconfigura-se como colonialidade, baseada na modernidade e na consolidação do capitalismo. Assim, a colonialidade diz respeito aos mecanismos que continuam a operar nas relações de poder mundial e na produção de conhecimento pautada pela perspectiva de mundo euro-norte-americana, impactando em diversas dimensões na vida dos indivíduos e coletivos (FARIAS, 2022).

Com isso, criam-se linhas de resistências contra a dominação colonial-sistêmica, conhecida como decolonialidade, projeto decolonial ou giro decolonial. Sendo movimentos caracterizados pela produção de conhecimento e práticas com o enfoque de resistir a influência da colonialidade e modernidade global (FARIAS, 2022).

A cosmovisão de Ailton Krenak, pensador contemporâneo indígena, tem muito a contribuir para o giro decolonial na terapia ocupacional social, com base em dar lugar a epistemologias inviabilizadas pela colonialidade, a partir do movimento da desobediência epistêmica, ao confrontar a visão anglo-saxônica dentro da terapia ocupacional. A fim de entender as problemáticas contemporâneas, como os mecanismos de desigualdade e marginalização, a perspectiva indígena tem muito a acrescentar para o desenvolvimento da consciência crítica da terapia ocupacional social.

Krenak nos mostra que o colonialismo, com o intuito da construção de uma humanidade homogênea em um processo de “abstração civilizatória”, foi pautada pela opressão, violência e marginalização, dando ênfase para o papel do capitalismo contemporâneo que moderniza os mecanismos de alienação ao trocar a cidadania pelo poder de consumo e a dissociação humanidade e natureza, para afastar a experimentação de uma vida com sentido, em prol da produção de uma monocultura e na utilização dos seres humanos como mão de obra (KRENAK, 2020a; KRENAK, 2020b).

O entendimento do processo histórico por uma visão decolonial crítica como o de Ailton Krenak, proporciona maior compreensão sobre os aspectos macrosociais que atingem a vida dos sujeitos, para que assim, a terapia ocupacional social possa elaborar junto a eles, estratégias de ampliação da participação social, não no sentido da adaptação social, que reforça a monocultura, mas como articulador social, em prol da emancipação e da afirmação da vida – mais próxima da experimentação de uma vida com sentido . Sendo assim, ocorre a ruptura da terapia ocupacional influenciada, em muitos momentos, pela visão euro-norte-americana, firmada pela neutralidade científica e individualizada para a práxis com o compromisso ético-político (FARIAS, 2022).

Um compromisso **ético**, por intervir no plano da vida, em seus movimentos de resistência e a afirmação, um compromisso **político**, pela contínua explicitação dos jogos de forças macro e micropolíticos existentes, pela defesa da autonomia, da cidadania e do direito e pela busca de novas estratégias de construção e/ou fortalecimento dos coletivos (GALHEIGO, 2016, p.65, grifos da autora).

A cosmovisão de Ailton Krenak ao questionar o conceito de humanidade e afirmar que somos pessoas-coletivas, mostra que somos sujeitos e ao mesmo tempo, andamos em “constelações”, portanto adensa o debate que o olhar da terapia ocupacional social não deve individualizar as problemáticas sociais, pois há interconexão entre o individual e o coletivo, lembrando que está em constante transformação os cenários sociais, sendo impossível se basear numa perspectiva técnica e reducionista.

A conexão e a interdependência entre pessoas coletivas e o que é vivo demanda responsabilidades, cuidados cotidianos, éticas e valores para além do que está na superfície dos sistemas e poderes hegemônicos (CARDINALLI, 2021, p. 6).

O resgate da ecologia de saberes, o reconhecimento da diversidade e da pluralidade de formas de vida, como defendido por Krenak, enriquece as subjetividades e traz luz para alteridade intrínseca de cada indivíduo – dando contornos também a uma nova lógica de pensar a cidadania. Essa perspectiva acaba possibilitando a consciência crítica de se estar no mundo e de compartilhar experiências com os outros seres, quebrando a lógica mercadológica de que a existência é meramente a de consumir, a dissociação do ser com a natureza e a monocultura. Sendo o respeito à diversidade e ao pluralismo social parte integrante do discurso da cidadania, e o reconhecimento da diferença como pressuposto para a terapia ocupacional social (LOPES, 2016).

Fica o desafio para a terapia ocupacional social um novo pensar-fazer a profissão, no sentido de evocar as alianças afetivas de mundos não iguais, para sentir-perceber o mundo e o viver ao acolher outras concepções de cuidado com o compromisso ético-político que “pode conduzir a novos encontros, tessituras coletivas, formas e significados ...” (CARDINALLI, 2021, p.12).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ ... Brasileiro, brasileiro...”

“você nunca foi norte-americano ...”

(Brasileira - Canção de BaianaSystem)

A terapia ocupacional social rompe com a ciência universalizante euro-norte-americana ao ter como base a realidade brasileira latina-americana, por isso que ao entrelaçar a cosmovisão de Krenak com o subcampo, enriquece os referenciais teórico-metodológicos para se pensar/fazer terapia ocupacional numa perspectiva crítica decolonial.

Esse debate também amplia a compreensão acerca do impacto do colonialismo e do sistema capitalista nas dimensões da vida dos sujeitos e coletivos, cabendo reforçar o compromisso ético-político da terapia ocupacional social para uma práxis que não medicaliza as questões sociais e fortalece os mecanismos de controle. Sendo assim, busca-se uma prática intencionada para a experimentação da vida de maneira consciente e harmônica com os outros seres.

O olhar sensível da terapia ocupacional social e a leitura crítica dos processos sociais, aproximam a cosmovisão de Ailton Krenak da práxis da terapia ocupacional, ao evocar as narrativas plurais para o enriquecimento das subjetividades e dos coletivos como mecanismo de resistência à monocultura e aos poderes hegemônicos, em prol da transformação e emancipação social.

Krenak exala na sua essência, saber e trajetória de vida o sinônimo de resistência ao lutar pelo reconhecimento da diversidade e pluralidade de vida, com base na perspectiva indígena, sendo inspiração para o movimento decolonial e para a construção de saberes outros com o propósito de adiar o fim do mundo.

REFERÊNCIAS

AILTON Krenak e o Sonho da Pedra. Diretor: Marco Altberg. Produção: Bárbara Gual, Marcelo Goulart. Rio de Janeiro; Indiana Produções, 2017. Disponível em: https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ailton_krenak_e_o_sonho_da_pedra

ARRAES, Raoni. O útil, o fim, e o Antropoceno: Ensaio Crítico sobre os manifestos de Ailton Krenak. **Antropologia Portuguesa**, n. 38, p. 105-109, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/antropologiaportuguesa/article/download/10428/7854>. Acesso em: 04 de jan. 2023.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. Modalidades de pesquisa: um estudo introdutório. **Petrópolis:[sn]**, 2002. Disponível em: http://usuarios.upf.br/~clovia/pesq_ens/textos/texto02.pdf. Acesso em 21 de set. 2022.

BAIANASYSTEM; CÉSAR, Chico. **Brasiliana**. Salvador: Máquina de Louco, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ialW0vR3xEE>. Acesso em 27 de jan. 2022.

BARROS, D. D.; GHIRARDI, M. I. G.; LOPES, R. E. Terapia ocupacional social. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 95-103, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13903>. Acesso em: 14 set. 2022.

CARDINALLI, Isadora et al. Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/xFTmrbTkMxB95ZWSPs33cSS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

DEMO, Pedro. Introdução da metodologia. São Paulo: **Atlas**, 1985. Disponível em: <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/etch/74301206/DEMO-Introducao-a-Metodologia-da-Ciencia.pdf>. Acesso em: 21 de set. 2022.

FARIAS, Magno Nunes. Terapia ocupacional social: contribuições epistemológicas para um giro decolonial. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 31, n.3, p. e200484pt, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2022.v31n3/e200484pt/pt/>. Acesso em: 09 de jan. 2023.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2016.

KRENAK, A. Discurso de Ailton Krenak, em 04/09/1987, na Assembleia Constituinte, Brasília, Brasil. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 4, n. 1, p. 421-422, 2019. DOI: 10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162846. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/162846>. Acesso em: 7 ago. 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 2020a.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras; 2020b.

KRENAK, A. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras; 2022.

LOPES, R. E. Cidadania, direitos e terapia ocupacional. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2016.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (Org.). **Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2016.

LOPES, R. E.; BARROS, D. D.; MALFITANO, A. P. S. Terapia Ocupacional Social: aportes para o desenho de um campo. In: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. R. C. **Terapia Ocupacional: Fundamentação e Prática**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. NO PRELO.

Quem é Ailton Krenak. **Cartas Indígenas ao Brasil** (s/a). Disponível em: <https://cartasindigenasaobrasil.com.br/biografia/ailton-krenak/>. Acesso em: 07 ago. 2022.

SELVAGEM, Cadernos. **Invocação à Terra: Discurso de Ailton Krenak na Constituinte**. Imagem. 2021. Disponível em: http://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/07/CADERNO27_CONSTITUINTE.pdf. Acesso em: 7 ago. 2022.